

GÊNERO E MEMÓRIA: uma construção dionisiaca

Rafael Chaves Vasconcelos Barroso (*)

Doutorando em Memória Social pela UNIRIO. E-mail: rcvbarreto@ig.com.br

Francisco Ramos de Farias(**)

Doutor em Psicologia pela Fundação Carlos Chagas/RJ. E-mail: frfarias@uol.com.br

Resumo

Nos últimos anos veem se falando cada vez mais em busca por igualdade de gênero, bem como têm se discutido formas de se proporcionar um maior empoderamento feminino. Desse modo vale lembrar que tal discussão se origina do fato de vivermos em uma sociedade heteronormativa onde o gênero é visto como uma hierarquia: o masculino como dominante em relação ao feminino. No entanto somente homens heterossexuais estariam no topo dessa hierarquia. Desse modo o presente artigo visa trazer alguns elementos históricos e mitológicos capazes de nos fazer refletir sobre essa hierarquização para assim pensarmos em formas de se mitigar isso, buscando uma real igualdade de gênero.

Palavras Chaves: Gênero. Feminino. Memória.

Abstract

In recent years we have been talking increasingly looking for gender equality, as well as have been discussed ways to provide greater female empowerment. Thus it is worth remembering that this discussion stems from the fact that we live in a heteronormative society where gender is seen as a hierarchy where we have the male as dominant over females. However only heterosexual men would be at the top of this hierarchy. Thus this paper aims to bring some historical and mythological elements able to make us reflect on this hierarchy to so think of ways to mitigate this, looking for a real gender equality.

Keywords. Gender. Female. Memory.

Introdução

Vivemos em uma sociedade marcada pelas diferenças, signos e segmentações construídas ao longo de sua história.

Pensar a sociedade perpassa pelo entendimento de seu elemento formador – o Homem. Nesse sentido, pensar o homem é uma tarefa difícil, porém instigante visto que, apesar de cada ser humano ser único e diferente, essas diferenças, em determinados momentos são percebidas como algo que leva ao desequilíbrio do conjunto, ou seja, da sociedade.

Quando observamos a sociedade é possível perceber uma tentativa de homogeneização onde se procura agrupar os indivíduos de acordo com suas semelhanças levando, em determinados casos, a uma segregação daqueles que escapam, ou mesmo não se adequam a determinadas normas criadas por esse corpo coletivo.

Desse modo é importante reparar que essa tentativa de homogeneização leva à criação de categorias bem como de hierarquias que, se sobrepondo umas às outras, criam indivíduos dotados de direitos e privilégios, enquanto outros, não estabelecidos de acordo com essas normas historicamente construídas, ficam à margem nesse conjunto.

Cabe ainda ressaltar que essa regulação imposta pela sociedade é marcada por “escolhas” que veem sendo orientadas, dentre outros fatores, pela memória de sociedades anteriores e seus costumes.

Nesse contexto, o presente trabalho visa analisar alguns elementos que outras sociedades apresentam relativos à construção de uma das categorias criadas pela sociedade – o gênero.

Estudar gênero perpassa por diversos elementos e questões como, por exemplo, o uso do termo Homem para designar toda a espécie humana. Seria o uso do termo Homem como representante da espécie humana uma simples opção linguística ou seria o reflexo de uma hierarquia pautada em possíveis hierarquias de gênero?

Partindo dessa questão será feita uma breve análise da construção dessa categoria social tão complexa, buscando através da análise histórica, ou seja, da observação de como outras sociedades anteriores à nossa tratavam dessa questão.

A construção do binarismo

Para começar nossa discussão, é importante entendermos o conceito de gênero que, segundo Judith Butler (2003) é visto como sendo algo construído socialmente,

podendo ou não ter uma relação de coerência e inteligibilidade em relação ao sexo. Nesse sentido o sexo é representado pelo caráter biológico, marcado pelo corpo do indivíduo¹. Desse modo temos a criação de elementos vistos como constituintes da categoria sexo, representados pelo macho e pela fêmea e, por sua vez, a criação de dois perfis de gênero, o masculino e o feminino.

A partir disso é possível perceber que tanto sexo quanto gênero apresentam um modo de construção e certa “oposição”, podendo essa “oposição” ser chamada de binarismo.

Desse modo é importante observar que esse binarismo de gênero apresenta não só uma relação de oposição, mas também demonstra uma hierarquia, percebida facilmente em nossa sociedade e que vem se perpetuando ao longo dos anos.

Apesar de atualmente esse tema fazer parte de muitas pautas, principalmente no que diz respeito aos representantes de determinados grupos que atuam no movimento social em busca de igualdade de direitos para mulheres bem como para LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), podemos observar a permanência de um discurso formador de gênero em diversos momentos da história de inúmeras civilizações. Esses discursos enfatizam a visão e a posição inferior que tem atualmente na sociedade os indivíduos que fogem do perfil masculino heteronormativo, ou seja, enfatizando a “valorização que a cultura greco-judaico-cristã faz do homem viril, branco, adulto, rico, monogâmico e heterossexual”, conforme no explica Alves (2004).

Podemos ainda, nesse contexto, analisar uma das metáforas mais conhecidas pelos indivíduos que foi a formação do Universo, mostrada pela Bíblia em seu livro da Gênese. É importante considerar que a Bíblia é um dos livros mais antigos da humanidade, tendo sido reescrita e traduzida diversas vezes, além de utilizar em diversos momentos o recurso linguístico da metáfora, o que proporciona ao leitor incontáveis formas de interpretações, o que permite muitas vezes a ocorrência de interpretações extremistas.

Partindo disso, podemos observar a passagem bíblica da formação do Universo, onde gostaria de ressaltar a criação do “Homem”, de Adão que fora criado primeiro, a partir da terra (o que dá a origem etimológica de seu nome – Adão, oriundo segundo algumas interpretações da expressão Adam – do termo hebraico, *ADaMaH*, que denota

1 Nesse momento não será levada em consideração a capacidade do indivíduo em modificar seus caracteres biológicos, como por exemplo, intervenções possíveis através de processos de transexualização. Tal processo modifica caracteres biológicos mas abre questionamentos como o uso de tais procedimentos como forma de reforçar o binarismo.

‘terra fértil’²). Desse modo tivemos Adão criado à imagem e semelhança de Deus. Mas e Eva?

Essa teria sido criada após Adão, a partir de uma de suas costelas, o que nos permite levantar inúmeras hipóteses e questionamentos. A primeira delas é uma noção de “androginia constitutiva” (Buci-Glucksmann, 1984:181) partindo do princípio de que Eva representaria a parte feminina retirada de Adão, colocada na posição de outro. Essa posição de “outro”, representando assim a alteridade também pode ser vista através de diversos ângulos. A parte feminina vista como parte sensível do homem, responsável pelas percepções, sensibilidade, ou seja, características regularmente caracterizadas como femininas podem ser explicadas pela proximidade da costela com o coração, o que nos faz caracterizar a mulher como dotada da emoção, enquanto o homem traria a razão. Tal posição de certo modo já coloca nessa relação dual uma hierarquia, visto que a mulher tanto por ser criada a partir do homem como por não possuir razão, vive então uma dependência em relação ao homem e ao mesmo tempo exclui do homem qualquer traço de sensibilidade.

Seguindo a história de Adão e Eva, temos o momento em que Eva, desprovida (nesse contexto) de razão, mas provida de sensibilidade, se deixaria seduzir pela serpente que porta o fruto proibido da árvore do conhecimento, e ainda o oferece a Adão que também o come, fazendo com que ambos tenham que se retirar do paraíso carregando para sempre esse “pecado original”, que resultou de uma sobreposição da sensibilidade sobre a razão, visto que Eva teria sido responsável por tal ato a partir dessa interpretação, conforme Alves (2004) explica ao citar a seguinte parte do livro Gênesis:

Disse Deus à mulher, como castigo pelo pecado original: Multiplicarei os teus trabalhos e teus partos. Darás a luz os filhos com dor e estarás sob o poder do marido e ele te dominará. (ALVES, 2004:9)

O autor comenta ainda que a partir de então instala-se no plano simbólico a dominação masculina e a noção de mulheres como sendo um segundo sexo.

No entanto não é só nas culturas cristãs e islâmicas (pelo uso da Bíblia e do Alcorão) que as mulheres podem ser vistas a partir de interpretações hierárquicas. Visões ainda mais radicais sobre a mulher e o feminino podem ser encontradas ao estudarmos a Grécia Antiga.

É importante frisar que, diferente da metáfora bíblica, na Grécia Antiga a mulher era abertamente diferenciada do homem e posta numa relação hierárquica onde somente

2 Informação retirada de www.haroldoreimer.pro.br/genesis/Ge02.htm. Acesso em: 28 jun. 2011.
Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 27, n. 1 - Jan/Jun. 2014 - ISSN online 1981-3082

os homens possuíam direitos visto que as mulheres, conforme mostra Corino (2006) eram “encaradas como intelectual, física e emocionalmente inferiores”. É possível observar esse traço de tratamento quando Vernant (2000:155) relata uma passagem onde Penteu, um jovem rei, ao ser informado da derrota de seu exército para um grupo de mulheres, “encarna o homem grego num de seus aspectos maiores”, sendo, dentre esses aspectos “certo desprezo pelas mulheres, vistas, inversamente, como seres que se abandonam com facilidade das emoções”. Desse modo, ainda nas palavras de Vernant:

Penteu nutre a ideia de que o papel de monarca é manter uma ordem hierárquica em que os homens estão no lugar que lhes cabe, as mulheres ficam em casa, os estrangeiros não são admitidos e em que a Ásia e o Oriente têm fama de ser povoados por gente efeminada, habituada a obedecer às ordens de um tirano, enquanto a Grécia é habitada por homens livres. (VERNANT, 2000:155-156)

Desse modo vemos, que na monarquia de Penteu, os homens eram livres e as mulheres ficam em casa, na sociedade ateniense, segundo Corino (2006) o papel cívico das mulheres era somente um: a reprodução. Feito isso seu dever estava cumprido, pois ela não possuía *paidea* para transmitir, ou seja, não possuía conhecimento, logo não podia frequentar as academias gregas. Tal questão pode ser trazida para nossa realidade onde, até o início do século XX o acesso à educação era restrito ou mesmo vedado às mulheres em diversas sociedades, como a brasileira, onde uma minoria tinha acesso às escolas normalistas, sendo somente depois de algumas décadas instituídas escolas mistas.

Partindo dessa breve construção de binarismo hierárquico, será possível, a seguir, pensar em uma visão mais ampla dos usos e abordagens do feminino.

O feminino dionisíaco

Outro personagem grego bastante emblemático que pode nos ajudar a entender a construção do feminino atual nesse contexto binário é o Deus Dionísio.

Como nos mostra Vernant (2000), Dionísio é um deus a parte, começando pela sua gestação, realizada na coxa de Zeus que fora transformada em útero para que Dionísio pudesse ser gestado após a morte de sua mãe Sêmele, que fora consumida pela luminosidade flamejante e fulminante de Zeus. Desse modo é possível observar uma primeira ambiguidade em Dionísio – ser gestado no “ventre de um homem”.

Mas não é somente na sua gestação que a ambiguidade de gênero se apresenta em Dionísio. Deus considerado ambíguo, pois apresenta em parte, aspecto feminino,

muitas vezes, conforme mostra Vernant (2000), se vestido de mulher com cabelos compridos, dentre outras características então consideradas femininas para aquela sociedade.

Desse modo Dionísio é colocado por Vernant (2000:144) como um deus que representa “a figura do outro, do que é diferente, desnordeante, desconcertante, anômico”. O autor ainda atribui à figura de Dionísio uma misteriosidade, mostrando o deus como “aquele que não se pode captar, que não se pode enquadrar” (2000:145).

Não obstante, temos na figura de Dionísio, características não somente físicas em determinados momentos, como subjetivas, o que faz com que ele seja portador, em um só corpo, desse binarismo de gênero.

No entanto é importante discutirmos sobre que características seriam essas capazes de marcar tão fortemente tal divisão, caracterizada cada vez mais por esses aspectos subjetivos do que pelo próprio corpo biológico, o que nos leva a entender o que nos mostra Vernant (1991:21) ao relatar que:

(...) durante o período de crescimento, antes de darem o passo decisivo, os jovens ocupam, como a deusa [Ártemis], uma posição liminar, incerta e equivocada, na qual ainda não estão claramente determinadas as fronteiras que separam os meninos das meninas, os jovens dos adultos, os animais dos homens. (Vernant, 1991:21-22)

Temos portanto reforçada a ideia de gênero, como algo decisivo e construído posterior ao nascimento.

Tendo em vista, portanto, que gênero se refere, segundo Alves (2004), dentre outras questões, às práticas quotidianas, aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais, o que corrobora a visão de Butler (2003) que o classifica, como dito anteriormente, a partir dos significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, podemos sugerir que os aspectos subjetivos estariam ligados principalmente às ações do sujeito como seus “*códigos linguísticos e representações culturais*” (Lauretis, 1994 apud Alves, 2004).

Portanto, da mesma forma que temos no campo filosófico a dualidade apolíneo e dionisíaco, onde o dionisíaco aparece como sendo a parte do trágico, representando a alteridade, podendo ser entendido como o feminino em oposição ao masculino enquanto sujeito, pólo positivo nessa dualidade.

Analisando as ações quotidianas que envolvem as relações de gênero, podemos observar essa relação apolíneo/dionisíaca em determinadas questões como a relação sexual, onde o homem, parte ativa é visto como atuante, intenso, vivo, enquanto a

mulher é mostrada como parte passiva, o que passa ainda a ideia de sujeito que recebe a ação, que não atua, inerte e até mesmo apática, como explica Alves (2004).

Trazendo a questão para o âmbito linguístico, Alves (2004) nos mostra alguns exemplos dessa relação na língua portuguesa, como o significado de alguns pares de palavras como *pistolão* – homem poderoso que faz indicações ou recomendações; e *pistoleira* – sinônimo de *puta*.

Desse modo Alves (2004) nos faz retomar a realidade grega, onde temos o homem público como o Homem de Estado, homem de prestígio, enquanto a mulher pública seria vista com desprestígio, tendo muitas vezes o significado de mulher da vida, meretriz, dentre outros. Desse modo a sociedade grega demonstra na fala a destinação do espaço público (pólis) aos homens e o espaço doméstico (òikos) às mulheres, situação que pode ser percebida em inúmeras sociedades até recentemente, embora ainda seja possível perceber tal discurso (com menos intensidade) nos dias atuais onde muitas vezes a mulher é culpabilizada por agressões e/ou abusos sofridos por estar portando vestimentas tidas como “vulgares” pela sociedade.

A negação do Apolíneo

Até o presente momento tratamos da construção binária homem/mulher levando em consideração o que Butler (2003) chama de *relação de coerência entre sexo e gênero*, ou seja, gênero masculino em relação ao homem e o feminino correlacionado as mulheres. Nesse sentido a autora define como gêneros inteligíveis: “(...) aqueles que, em certo sentido, instituem e mantem relações de **coerência** e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Butler, 2003:38 ³”

No entanto, observando a sociedade é possível verificar que essa relação de *coerência* não se dá entre todos os indivíduos, podendo ser observadas manifestações de gênero contrárias, sob essa concepção, ao sexo biológico.

Tendo o feminino como dionisíaco, composto pela negação do masculino, ou mesmo como nos traz Simone de Beauvoir, como sendo o lado negativo, é possível perceber essa negação em indivíduos do sexo masculino. Nesse sentido vemos nesses homens uma negação do apolíneo e a entrada desses no mundo do dionisíaco. É importante notar que o mesmo não ocorre às avessas, ou seja, em mulheres que negam a alteridade, a feminilidade, havendo nesse sentido um predomínio do sexo [masculino]

3 Grifos meus.

nessa hierarquia. Desse modo para fazer parte do topo dessa hierarquia é preciso ser homem e masculino.

Entretanto é importante considerar que, por gênero se tratar de algo construído socialmente, a interpretação dessa negação se torna uma tarefa bastante difícil.

Analisando alguns aspectos discutidos ao longo do trabalho, é possível verificar alguns pontos como inerentes ao feminino que são possíveis de se encaixar ainda hoje como a sensibilidade, enquanto a razão e a virilidade permanecem como inerentes à “natureza masculina”. No entanto atualmente criamos categorias para segmentos de pessoas que consideramos diferentes da maioria, como as pessoas que se relacionam afetivamente com outras do mesmo sexo, o que pode ser considerada uma “invenção da homossexualidade”.

Tendo como foco principal a homossexualidade masculina, por se tratar nesse contexto, de uma negação do masculino, do apolíneo, vemos que inúmeras são as características postas a esse indivíduo de modo a classificá-lo, resultando em contrapartida em qualidades que são associadas a esse perfil tido como desviante, tornando-o assim dionísio.

Desse modo a sociedade faz uma ligação da homossexualidade masculina com o feminino, associando esse indivíduo à fraqueza, à passividade, sendo assim desvalorizados na sociedade, o que pode ser facilmente percebido no discurso. Em muitos casos são usadas expressões como - “*se ele fosse homem*” - para fazer referência a indivíduos de orientação sexual homoafetiva, o que reforça a ideia de negação do masculino nesses casos.

Seguindo esse pensamento, podemos perceber a hierarquia que subjuga os indivíduos que fogem a norma heteronormativa observando a maioria das expressões consideradas agressivas (palavrões) usadas para desqualificar alguém, por essas possuírem em sua maioria ligação sexual de dominação ativo sobre passivo.

No entanto as formas de negação da masculinidade, devido ao seu caráter subjetivo, sofrem alterações ao longo do tempo e de acordo com as sociedades.

Observando a sociedade grega, por exemplo, vemos que a valorização do corpo, fator que hoje é intimamente relacionada ao feminino e à homossexualidade, era algo comum nas academias, dentre a filosofia *mente são, corpo são*. Vernant (1991) demonstra ainda a relação que o uso de cabelos longos e virilidade em determinadas sociedades gregas, por se associar tal característica ao homem guerreiro, fazendo com

que a mulher raptada para casamento⁴ tivesse seus cabelos raspados como forma de extirpar qualquer traço de masculinidade, além de, segundo o autor, representar uma diferenciação nítida [e necessária] entre a mulher e seu novo marido.

No entanto, o que nos dias atuais é considerada expressão de homossexualidade, para os gregos era expressão de virilidade, sendo assim incentivadas em muitos casos as relações afetivas entre homens. É importante salientar que essa relação se dava de formas diferentes de acordo com os grupos analisados, sendo em alguns casos permitida as relações contando que não houvesse relação de submissão entre eles, conforme relata Corino (2006). O autor revela ainda que entre os espartanos essas relações eram incentivadas entre membros do exército, pois faria com que lutassem com mais vigor em defesa de seus parceiros. Entre os atenienses, segundo o mesmo autor, essas relações se davam nas academias para que ocorresse a transmissão de conhecimento, logo essas relações se davam de indivíduos mais velhos para os mais jovens, sendo chamada de *paiderastia* (amor à meninos) onde, segundo Corino (2006) tal relação “tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do *erastes* [amante] ao *eromenos* [amado]”. Tal expressão pode ser a origem ao termo pederastia.

Foucault (1997) mostra um diálogo entre favoráveis ao casamento entre pessoas de sexos distintos e favoráveis ao casamento entre pessoas do mesmo sexo na Grécia antiga. Tal relação era chamada de “amor socrático”.

É interessante perceber o discurso dos favoráveis ao amor socrático, pois estes afirmam que o amor pelas mulheres nada mais seria que uma inclinação da natureza, algo de certo modo biologizado, enquanto a relação entre homens estaria cercada por algo maior do que uma inclinação natural, “um amor além da natureza” (p.86), pois estaria ainda deslocado da prática sexual, pois esta o ligaria à mulher pela necessidade biológica da procriação. Entretanto Foucault (1997) aponta para uma visão contrária a essa no discurso de Cárcles que dizia:

Em suma, o amor pelos rapazes é situado, alternadamente, sobre os três eixos da natureza: como a ordem geral do mundo, como estado primitivo da humanidade e como conduta racionalmente ajustada a seus fins; ele perturba o ordenamento do mundo, ocasiona condutas de violência e de embuste e, finalmente, ele é nefasto para os objetivos do ser humano. Cosmológica, “política” e moralmente, esse tipo de relação transgride a natureza. (Foucault, 1997:110)

4 Vernant (1991:58) explica uma tradição grega entre os lacedemônios de se casarem raptando a noiva.

Tal visão é muito próxima à utilizada por segmentos contrários à relação entre homens em períodos como o da Inquisição onde a homossexualidade era vista como *pecado nefando* que deveria ser duramente reprimido e, posteriormente, no início do século XX quando passa a ser vista como desvio, “inversão”, algo que deveria ser tratado, o que coloca a procriação e o anti-natural como o discurso chave para a condenação de tais práticas, pois essas levariam ao fim da espécie.

Desse modo tais discursos se tornaram hegemônicos ao longo dos tempos, transformando a pederastia em algo condenável.

Reflexões finais

O presente trabalho buscou trazer uma contribuição para o entendimento da construção do feminino enquanto outro – alteridade – em uma visão de gênero binária e hierárquica.

Mais do que conclusões, é importante que tais considerações realizadas ao longo do trabalho nos leve a refletir algumas questões que ainda são vistas como problema em muitas sociedades e que encontram parte desses problemas explicados através da análise do passado que é transmitido pelos indivíduos constituindo sua memória coletiva.

Vivemos um período aonde questões como as relativas a gênero vem ganhando visibilidade e levadas a discussão, fazendo com que esse seja um momento de grandes avanços nesse sentido.

Nesse contexto as mulheres veem finalmente, depois de muitas lutas principalmente por parte do movimento feminista bem como de mulheres como Leila Diniz⁵ que ousaram quebrar o padrão estabelecido, conseguindo ganhar espaço na *pólis* embora o espaço privado (*òikos*) ainda seja um espaço reservado a elas pela negação dos homens em assumir papéis ditos “femininos”.

Estamos vivendo um período em que cada vez mais mulheres têm ocupado o papel de chefes de família no Brasil, tendo elas segundo o IBGE conseguido superar os homens em indicadores como o que se refere ao número de anos de estudo. Um grande avanço visto que em um período de pouco menos de um século somente uma pequena parte delas tinha acesso à educação formal.

Muitos avanços ainda são necessários para alcançar a tão sonhada e cada vez menos utópica igualdade de gênero, sendo necessário que as mulheres consigam

5 Leila Diniz ficou famosa ao exibir sua gravidez de biquini na praia.

alcançar os homens no que diz respeito à renda e, mais do que isso, no respeito à mulher no campo simbólico, não devendo ser toleradas posturas onde uma mulher violentada por estar circulando em determinada hora ou com determinado tipo de roupa é vista como culpada por estar “induzindo tal ato”. O desejo masculino ainda é posto como algo vindo do biológico, de sua natureza enquanto homem, apresentado desse modo como justificativa para situações de agressão e desrespeito às mulheres.

Do mesmo modo é importante que haja respeito àqueles que não seguem o padrão tido como natural, quebrando o padrão masculino heteronormativo. É fundamental que a sociedade perceba que tal padrão é algo construído socialmente e de certo modo inventado pelo Homem, tão questionável que não há um consenso quanto a um padrão homossexual, como foi possível perceber ao longo do trabalho.

Desse modo, temos hoje grupos que lutam pela defesa da diferença, da “apolinização” do outro, sendo interessante notar ainda algumas estratégias que esse grupo utiliza como forma de tentar se salvar dessa perseguição da qual sofrem. Entre elas é possível perceber a tentativa desses grupos em esconder sua identidade, recorrendo ao conhecido “armário”. Desse modo diz-se que o indivíduo homossexual que não assume sua identidade está “dentro do armário”, devido principalmente pela homossexualidade ser ainda vista por muitos como algo desviante, transgressor, o que faz com que o indivíduo homossexual seja alvo dos mais diversos tipos de agressão. Tal situação inibe em muitos casos que o indivíduo exerça de forma livre a sua identidade.

Entretanto, estar no “armário” é ainda muito criticado principalmente pelo movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) que observa tal postura como impedimento da visibilidade do grupo. No entanto, de forma semelhante ao ocorrido com outros grupos que sofreram perseguição, como os judeus, os homossexuais recorrem a essa estratégia para se livrarem de agressões, muitas vezes no próprio lar.

No entanto é importante considerar a visão do movimento LGBTT ao estimular o “*coming out*”, ou seja, a “saída do armário”, porque de fato aumentaria a visibilidade desse grupo, ajudando na reivindicação de muitos direitos que a eles são negados.

Nesse sentido devemos ponderar o limite entre a militância e a segurança dos indivíduos, levando em consideração que, em determinados momentos, a simples sobrevivência é uma forma de resistência e militância, o que justifica a existência do “armário”, propiciando a espera de momentos propícios para avançar nessa busca por igualdade.

Desse modo é importante refletir sobre as diferenças que existem em nossa sociedade, respeitando o outro para que seja possível a construção de um futuro apolíneo, livre de hierarquizações.

Referências

ALVES, J. E. D. *A linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: Textos para discussão – ENCE n.11, 2004.

BARRENECHEA, M. Espaço trágico: lugar das intensidades e das diferenças. In: Costa, I. T. M e Gondar, J. (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

BUCI-GLUCKSMANN, C. *La raison Baroque: de Baudelaire à Benjamín*. Paris: Galilée, 1984.

BUTHER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2003.

CORINO, L. C. P. *Homoerotismo na Grécia Antiga - homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades*. Rio Grande: Biblos, 2006.

FOUCAULT, M. A mulher / os rapazes: História da sexualidade (extraído da História da sexualidade v. 3). Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: Costa, I. T. M e Gondar, J. (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VERNANT, J-P. *A morte nos olhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.